



## Pluralismo e religiões: a questão cristológica em foco

Pluralism and religions: Christology in focus

Cláudio de Oliveira Ribeiro\*

### Resumo

O texto apresenta uma perspectiva cristológica plural na relação interreligiosa, a partir da visão de que cada expressão religiosa tem a sua proposta salvífica e de fé que devem ser aceitas, respeitadas, valorizadas e aprimoradas a partir de um diálogo e aproximação mútuas. Tal perspectiva não anula nem diminui o valor das identidades religiosas - no caso da fé cristã, a importância de Cristo -, mas leva-as a um aprofundamento e amadurecimento, movidos pelo diálogo e pela confrontação justa, amável e corresponsável. Assim, a fé cristã, por exemplo, seria reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. O mesmo deve se dar com toda e qualquer tradição religiosa. Consideramos que tal visão, em certo sentido, supera outros modelos como aquele que considera Jesus Cristo e a Igreja como caminho exclusivo de salvação; o que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para todos, ainda que implicitamente, o que se denominou inclusivismo; e a perspectiva relativista na qual Jesus é o caminho para os cristãos, enquanto para os outros o caminho é a sua própria tradição, sem maiores esforços de autocriticas, revisões e mútua interpelação. Na visão pluralista, os elementos chaves da vivência religiosa e humana em geral são alteridade, respeito à diferença e o diálogo e cooperação prática e ética em torno da busca da justiça, da paz e do bem-comum. A aproximação e o diálogo entre grupos de distintas expressões religiosas cooperam para que elas possam construir ou reconstruir suas identidades e princípios fundantes.

**Palavras-Chave:** teologia das religiões; cristologia pluralista; diálogo inter-religioso.

### Abstract

This essay presents a plural Christological perspective towards inter-religious relationships, from the perspective that every religious expression has its own faith and salvific proposal that should be accepted, respected, properly valued and improved through mutual approach and dialogue. Such perspective does not negate nor diminishes the value of religious identities – in the case of the Christian faith, the importance of Christ – but leads them to deepen and mature themselves, being moved by dialogue and fair confrontation, one that is loving and co-responsible. Thus, the Christian faith, for instance, would be reinterpreted by means of creative dialogical confrontation vis-a-vis other faiths. The same should take place with each and every religious tradition. We consider that this understanding, in a certain way, supersedes other models such as that which considers Jesus Christ and the Church as the only and exclusive means of salvation; the one that considers Jesus Christ as the way of salvation for everyone, even if implicitly stated, what has been termed as inclusivism; and the relativistic perspective, in which Jesus is the way for Christians, while for others the way is their own tradition, without greater efforts on self-criticism, self-revision and mutual interpellation. In the pluralist perspective, the key elements of religious life and human life in general are alterity, respect for differences, dialogue and mutual practical and ethical cooperation for justice and common well-being. The mutual approach and dialogue between groups belonging to distinct religious expressions cooperate in order for them to construct or reconstruct their identities and founding principles.

**Keywords:** theology of religions; pluralist Christology; inter-religious dialogue.

---

Artigo recebido em 13 de novembro de 2012 e aprovado em 27 de fevereiro de 2013.

\* Doutor (2000) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor titular de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. País de origem: Brasil. E-mail: claudio.ribeiro@metodista.br

## Introdução

Um dos desafios da fé cristã e da reflexão teológica é a busca de um paradigma para a teologia das religiões que possa contribuir na elucidação do papel de Cristo no processo da salvação universal. Trata-se da superação dos modelos já consagrados, como o que considera Jesus Cristo e a Igreja como caminho necessário para a salvação (exclusivismo); o que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para todos, ainda que implicitamente (inclusivismo); e aquele no qual Jesus é o caminho para os cristãos, enquanto para os outros o caminho é a sua própria tradição, sem grandes preocupações com autocríticas, revisões e mudanças (relativismo). A perspectiva pluralista, que advogamos, possui como característica básica a noção de que cada religião tem a sua proposta salvífica e de fé que devem ser aceitas, respeitadas e aprimoradas a partir de um diálogo e aproximação mútuas. Assim, a fé cristã, por exemplo, necessita ser reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. O mesmo deve se dar com toda e qualquer tradição religiosa. Aqui, há um ponto de novidade que coloca a todos em constante desafio.

Dentro de uma visão pluralista, os elementos chaves da vivência religiosa e humana em geral são alteridade, respeito à diferença e o diálogo e cooperação prática e ética em torno da busca da justiça em relação aos grupos empobrecidos, da busca pela paz e do bem comum. No caso da teologia cristã – e as demais perspectivas religiosas estariam da mesma forma implicadas –, a concepção pluralista de uma teologia ecumênica das religiões forjaria, pelo menos, duas questões fundamentais: a) qual é o sentido/significado das questões relativas à fé cristã (como Cristo, a Igreja, o Reino de Deus, salvação, Espírito Santo, criação, etc...) ao pensarmos em “um novo modo de fazer teologia” num contexto de pluralismo religioso?; b) e como o diálogo e a aproximação concreta entre as religiões contribuem para melhor compreensão da fé cristã (e das outras tradições) e suas conseqüentes implicações éticas no mundo?

A seguir indicamos três aspectos que julgamos relevantes para a discussão cristológica dentro de uma visão ecumênica: a) o modelo pluralista para a cristologia, b) o diálogo como condição imprescindível para se construir uma identidade cristã autêntica, e c) as implicações dessas perspectivas para o método teológico. De um amplo e variado leque de autores, priorizamos, por diversas razões, termos como base de nossa reflexão contribuições de Paul Knitter, John Hick, Roger Haight, Andrés Torres Queiruga, Raimon Panikkar, Claude Geffré e Jacques Dupuis. Tais reflexões fazem parte de uma investigação maior na temática da teologia das religiões onde, ao lado da questão cristológica aqui enfatizada, emergem temas como: religiões, justiça e paz; a teologia diante das culturas afro-brasileiras e espiritualidade ecumênica, que não estão isentos de correlação com as questões cristológicas. No tratamento de tais temas, cujos resultados têm sido publicados em outros espaços, há uma prevalência de autores latino-americanos, o que consideramos de fundamental importância para a reflexão teológica atual. A reunião do conjunto dessas reflexões dará maior abrangência e relevância à teologia das religiões.

Outro desafio é exemplificar com aspectos concretos da vivência inter-religiosa, pois a consideramos como um dos elementos fundamentais da visão pluralista, as reflexões cristológicas que ora apresentamos. No entanto, tal empreendimento, por sua complexidade e extensão, ainda está no horizonte e deverá nortear futuros passos da pesquisa. A práxis da convivência inter-religiosa, especialmente os esforços conjuntos pela justiça, pela paz e pela integridade da criação, mesmo com os contrapontos, por vezes majoritários em terras brasileiras, de disputas e guerras religiosas precisam iluminar as questões cristológicas.

Ao reforçar as dimensões do plural e do diálogo e ao indicar o desafio do debate ecumênico das religiões, desejamos mostrar que lógica plural é fundamental para o método teológico e para a vivência religiosa.

## 1 Jesus e a visão pluralista

O uso da expressão 'pluralista' no esforço de se estabelecer paradigmas para a compreensão da relação da fé em Cristo com uma perspectiva ecumênica de encontro das religiões não é consensual. É fato que o termo representa certa superação e avanço das tipologias que se consagraram no Século XX, identificadas, com algumas variáveis, com as expressões exclusivismo, inclusivismo e relativismo. Todavia, mesmo assim, outros esforços têm sido feitos por diferentes autores para a formulação de tipologias mais adequadas e que possam dar conta da diversidade das experiências de diálogo inter-religioso e de teologias ecumênicas das religiões.

Um desses esforços vem do teólogo Paul Knitter, um dos mais destacados pensadores que tratam do tema da teologia das religiões. Com intensa produção teológica, parte dela devedora das perspectivas modernizadoras do Concílio Ecumênico Vaticano II e da aproximação com Karl Rahner, Knitter destacou-se na reflexão teológica sobre o pluralismo religioso desde sua obra *No other name? A critical survey of Christian attitudes toward the world religions* [Nenhum outro nome? Um levantamento crítico das atitudes cristãs para com as religiões mundiais] (1985). Nesta obra o autor apresentou as teses fundamentais de sua teologia pluralista e sua crítica às perspectivas exclusivista e inclusivista na abordagem cristã sobre as religiões. Posteriormente, juntamente com John Hick, organizou o livro *The myth of Christian uniqueness* [O mito da singularidade cristã] (1987), no qual, mais uma vez, a perspectiva teológica pluralista é explicitada.

Da atenção que deu às aproximações cristãs a outras religiões nasceu uma de suas obras de destaque, que é *Introdução às teologias das religiões* (2008). Todavia, sua inquietação com os principais temas que interpelam a humanidade o levou a pensar como a responsabilidade social e política com a ordem global e como o diálogo entre as religiões podem cooperar na promoção do bem-estar humano e ecológico. Daí a importância de obras suas como *One Earth many religions:*

*multifaith dialogue and global responsibility* [Uma Terra muitas religiões: diálogo entre múltiplas crenças e responsabilidade global] (1995) e *Jesus e os outros nomes: missão cristã e responsabilidade global* (2010).

Paul Knitter articula sua densa produção com uma atuação significativa no diálogo das religiões pela paz e pela justiça. Por quase vinte anos, desde 1986, participou do movimento Crispaz (Cristãos pela Paz em El Salvador), com sucessivas visitas à América Central. Dessa experiência resultou uma profícua aproximação com a teologia latino-americana da libertação, não meramente a partir de discussões conceituais e teóricas, mas especialmente no compromisso comum com a paz, a justiça e a libertação. Knitter atuou no Conselho Internacional da Paz Inter-religiosa, formado após o Parlamento Mundial das Religiões, realizado em 1993 em Chicago.

Em *Introdução às teologias das religiões* (KNITTER, 2008), o autor contribui significativamente com o esforço de muitos outros teólogos para construir tipologias que ajudassem as pessoas, interessadas no tema e também especialistas, a compreenderem melhor o pluralismo religioso e a necessidade premente de interpretações consistentes dessa realidade.

O título já é exemplar da proposta, uma vez que é redigido no plural: teologias! Após apresentar os desafios para o cristianismo diante das várias realidades e a pluralidade como fato significativo da vida religiosa e cósmica, Knitter apresenta quatro modelos didáticos de compreensão e interpretação do quadro de teologias das religiões, aos quais denominou i) substituição, ii) complementação, iii) mutualidade, e iv) aceitação.

O primeiro, denominado modelo de substituição, parte da premissa de que há somente uma religião verdadeira. Tal perspectiva pode ser compreendida tanto como “substituição total” – e aí residem os cristãos cujo perfil ideológico é de caráter fundamentalista – assim como aqueles grupos e visões que consideram que

Deus pode estar presente em outras religiões, ainda que parcialmente, a que se chamou de “substituição parcial”. A experiência religiosa baseada em Jesus é vivenciada intensamente, o que gera uma postura firme de diálogo polêmico e confrontador com outras religiões.

O modelo de complementação tem a pressuposição filosófica de que “o Uno dá completude ao vário”. Ele forjou e foi forjado pelos processos de renovação eclesial do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) no contexto católico-romano, com as contribuições de Karl Rahner, por exemplo, mas também está em sintonia com as perspectivas dialógicas modernas que marcaram o século XX. Nessa visão, o anúncio de Jesus deve, no processo de diálogo, acrescentar aos de outras religiões algo novo, mas que já estava posto, e assim contribuir para que descubram que o Evangelho lhes é fecundo.

Em seguida, Knitter apresenta o modelo de mutualidade, baseado na ideia de 'várias religiões verdadeiras convocadas ao diálogo'. Em certo sentido, ele aprofunda a lógica dos modelos anteriores, pois pressupõe que o diálogo inter-religioso propõe-se a ser recíproco. Assim, o processo de diálogo leva os cristãos a passarem pelas transformações que eles mesmos indicam às outras religiões, na busca de um equilíbrio entre a universalidade do amor de Deus e a particularidade da encarnação desse amor em Jesus.

O modelo de aceitação parte da pressuposição de que "as tradições religiosas que o mundo apresenta são mesmo diferentes, e temos de *aceitar* essas diferenças" (KNITTER, 2008, p. 272). O autor, ao introduzir a ideia, assumidamente utópica, de “uma comunidade dialógica de comunidades entre as religiões mundiais” enfatiza que

para conhecer a verdade, temos de estar comprometidos com a prática de comunicação com os outros; isso quer dizer conversar realmente com pessoas que são, de modo significativo, diferentes de nós, e escutá-las. Se falarmos somente conosco mesmos ou com alguém de nosso próprio grupo natural, ou se há algumas pessoas que simplesmente excluímos de nosso convívio e com quem não conseguimos nos imaginar falando, então possivelmente nos alijamos da oportunidade de aprender algo que ainda não descobrimos. (KNITTER, 2008, p. 32).

Nessa visão, a diversidade possui maior valorização, firmada no cultivo da tolerância, na ênfase na alteridade e na valorização da identidade distinta do outro. Não se trata de negação da unidade, mas uma busca de equilíbrio entre unidade e diversidade.

O teólogo reformado inglês, John Hick, envereda-se pelas produções e reflexões sobre o pluralismo e suas implicações para a teologia cristã a partir de novos rumos hermenêuticos: a hipótese pluralista (teocêntrica), distanciando-se das ideias exclusivistas e inclusivistas. A proposta reconhece as tradições religiosas distintas do cristianismo como legítimas e autônomas no processo de salvação. Para isto, propõe o rompimento com as ideias da constitutividade salvífica de Jesus Cristo e a retirada de Cristo do centro do sistema solar religioso, colocando em seu lugar a Realidade Última, o Real.

Em *A metáfora do Deus encarnado* (2000), John Hick aprofunda as questões cristológicas e propõe uma revisão delas a partir da consideração da

crença de que existe uma Realidade transcendente última que é a fonte e o fundamento de todas as coisas; que essa Realidade é benigna em relação à vida humana; que a presença universal dessa Realidade é refletida ('encarnada'), humanamente falando, nas vidas dos grandes líderes espirituais do mundo; e que entre estes todos encontramos Jesus como nossa principal revelação do Real e nosso principal guia para a vida. (HICK, 2000, p. 219).

A proposta de Hick, portanto, rompe com uma visão absolutista da tradição cristã, convocando-a a ser um “cristianismo que se vê uma religião verdadeira entre outras”; uma cor diante do grande arco-íris das religiões, transpassada pela luz do Real, que no horizonte cristão é chamado de Deus. Trata-se de “uma fé cristã que assume ser Jesus o nosso guia espiritual supremo (mas não necessariamente único), o nosso senhor, líder, guru, exemplar e mestre pessoal e comunitário – mas, não o próprio Deus em termos literais” (HICK, 2000, p. 218). E o mesmo autor considera o “cristianismo como um contexto autêntico de salvação/libertação entre outros, que não se opõe a, mas interage de formas mutuamente criativas com os

outros grandes caminhos” (HICK, 2000, p. 218).

Em *Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões* (2005), John Hick estabelece um frutífero debate sobre o que chamou de *hipótese pluralista* e a apresenta na criativa forma de diálogo do autor com Fil e Graça, representantes das questões oriundas dos pensamentos filosófico e teológico, respectivamente.

Como se sabe, no âmbito da teologia cristã do pluralismo religioso, a questão cristológica precisa ser revisitada. Trata-se de oferecer outros olhares sobre conceitos centrais da fé cristã. Esse é um caminho traçado por John Hick, ao reinterpretar concepções clássicas, por exemplo, o dogma da encarnação: o “Filho-de-Deus-feito-homem”.

A partir do espaço da hipótese pluralista, em que é reconhecido o pluralismo religioso de princípio como manifestação do Real, a concepção de encarnação não pode ser vista em seu sentido literal, fechado, mas em sua abertura metafórica, carregada de novos significados. O encarnar-se é uma metáfora, não algo estabelecido exclusivamente, em que duas naturezas completas (humana e divina) convivem na pessoa de Jesus como algo indissociável.

A encarnação, ao ser interpretada metaforicamente, refere-se a uma abertura dos seres humanos à Realidade Última, que no cristianismo chama-se Deus, em relação e obediência. Assim, qualquer pessoa humana que realize a vontade divina, lançando-se nela, é uma encarnação de Deus na terra, como Jesus, um exemplo notável desta metáfora. Hick está consciente de que “do ponto de vista da liderança eclesial, isto é descrença. Do ponto de vista de um crescente número de membros da Igreja que deram um passo nessa direção, isso constitui maior realismo e honestidade” (HICK, 2005, p. 30).



Esta ideia do lançar-se ao Real é fundamental nas teses de John Hick. É o centrar-se na Realidade Última – o fundamento de tudo, não esgotável, “finalmente real” – descentrando-se de si, do ponto de vista “egóico”, a fonte do egoísmo e da injustiça. Esta mudança, o recentramento no divino, e não em si mesmo, é o que se pode chamar de salvação/libertação na teologia de Hick. Assim, a mediação salvífica em Jesus Cristo é questionada. Jesus é tomado, aqui, como um excepcional modelo de “frutos morais”, radicalmente aberto ao Real/Deus e sinal de seu amor no mundo, na partilha dos sofrimentos da vida humana, na permanência ao lado dos corpos empobrecidos e no trabalho em prol da justiça e paz. Não é visto como salvador, o que cabe apenas à Realidade Última. Salvação/libertação é, portanto, a transformação profunda do ser humano na busca e encontro com o Real (salvador último) e identificada com os frutos (critérios éticos), sinal da encarnação divina na história. Aqui se encontra também um importante critério para se compreender as distintas religiões como possíveis caminhos de salvação/libertação: “pelos frutos conhecereis a árvore”.

Concentremo-nos na ideia de salvação, uma ideia que é absolutamente central para o pensamento cristão, tanto em sua versão tradicional quanto em sua versão revisionista. Se definirmos a salvação como o perdão e a aceitação por Deus pela morte expiatória de Jesus, então temos a tautologia de que o cristianismo é o único a saber e ensinar a verdade salvífica, segundo a qual devemos aceitar Jesus como nosso Senhor e salvador, confessar sua morte redentora e ingressar na Igreja, entendida como a comunidade dos redimidos, na qual abundam os frutos do Espírito. Todavia, vimos que este círculo de ideias contradiz nossa observação de que os frutos do Espírito parecem ser tão (ou tão pouco) evidentes fora da Igreja quanto dentro dela. Sugiro que deveríamos continuar a seguir a pista fornecida por estes frutos; pois Jesus evidentemente se preocupava mais com a vida dos homens e mulheres do que com qualquer conjunto de proposições teológicas que pudessem ter em suas cabeças. (HICK, 2005, p. 39-40).

A hipótese pluralista de John Hick compreende o Real como centro do sistema solar religioso (não a pessoa de Jesus ou a Igreja) e reconhece que o pluralismo religioso é meio pelo qual o Real também se apresenta, mostra-se. Porém, aponta que as experiências religiosas não o dominam. A luz perpassa o vitral, evidencia suas cores em sua pluralidade, mas não permanece fixa, é

movimento. Assim – a partir das concepções epistemológicas *kantianas* –, Hick interpreta cada experiência religiosa (*phenomenon*) como reflexo humanamente percebido da Realidade Última (*noumenon*).

As tensões que marcam as compreensões acerca de Jesus dentro de uma visão pluralista podem, além da hipótese de Hick, encontrar na noção de símbolo um bom equacionamento. É o que temos na contribuição ao debate sobre a elaboração e o uso de tipologias para a compreensão da fé cristã, em especial o papel de Cristo no processo salvífico, diante de outras religiões, da parte do teólogo Roger Haight. A concepção de Jesus como símbolo de Deus aliada à ideia de um pluralismo normativo que possui Jesus como base para fé cristã sem desconsiderar a universalidade da salvação revela a visão do autor.

Roger Haight tem se destacado por sua produção teológica crítica e propositiva. O teólogo tem procurado oferecer uma cuidadosa revisão das fontes bíblicas e doutrinárias do método teológico, com a constante preocupação com a transmissão da mensagem cristã para as culturas da atualidade. Dessa forma, procura repensar a fé, a revelação, o papel das Escrituras na Igreja e na teologia. É o que o autor apresentou com precisão em *Dinâmica da teologia* (2004). Para ele,

a adequação relativa de qualquer concepção da teologia e de seu método só pode ser mensurada por seus resultados. Os resultados do fundamentalismo já conhecemos: uma inerte repetição do passado que falseia a própria mensagem e afugenta os ouvintes de hoje. Em contrapartida, um método hermenêutico mantém viva a tradição, reafirma-lhe sua verdade, descobre o seu sentido existencial no futuro, aplica-o a culturas e problemas modernos e, por assim proceder, estimula e nutre a vida em Jesus Cristo e em sua igreja. (HAIGHT, 2004, p. 275).

Essa perspectiva, em linhas gerais, tem norteado o trabalho teológico do autor.

A visão crítica de Haight o tem levado até mesmo a estar sob avaliação dos setores eclesiais do Vaticano, como a Congregação para a Doutrina da Fé. Esse foi o caso da notificação que recebeu, em 2005, pela obra *Jesus, símbolo de Deus*

(2003). Na referida obra, o autor apresenta uma cristologia “a partir de baixo”, que valoriza a dimensão humana, que possui como base a experiência da salvação e que se articula com a dinâmica de abertura e de sensibilidade ao pluralismo religioso. Na explicitação de seu método cristológico, Haight o define como método hermenêutico de correlação crítica que busca “ser fiel ao testemunho do passado e interpretá-lo de maneira tal que seja significativo para a consciência contemporânea” (HAIGHT, 2003, p. 151).

Dentro do referido processo de resignificação, Haight apresenta a cristologia realçando o caráter simbólico da linguagem religiosa e teológica. O símbolo remete a uma realidade mais profunda, estimula a busca, nos desafia à alteridade em torno daquilo que é desconhecido. Para o autor, os símbolos religiosos participam da transcendência e para elas apontam. Daí o célebre e controvertido título: *Jesus, símbolo de Deus*.

A obra causou não somente reações eclesiais conservadoras, mas, ao mesmo tempo, suscitou fortes debates nos meios acadêmicos e eclesiais. Isso levou Haight a apresentar, seis anos mais tarde, um novo texto: *O futuro da cristologia* (2008). O livro trata especialmente das questões suscitadas pela nova e emergente consciência e valorização positiva do pluralismo religioso no mundo. O texto propõe-se a elucidar, tanto para cristãos como para não cristãos, o fato de ser possível termos uma cristologia simultaneamente pluralista e ortodoxa. Para isso, o autor procura se distanciar de respostas puramente dogmáticas e também de polêmicas e debates estreitos e sectários. Ao contrário, indica a necessidade de

uma conversação ampla, empática, mutuamente enriquecedora e implicitamente autocrítica. [...] Teólogos e teólogas cristãos são cada vez mais chamados a dirigir a palavra ao mundo além do cristianismo com base na premissa de que se dirigirão aos membros pensantes de sua própria Igreja somente na medida em que conseguirem entrar em contato com as pessoas que estão do lado de fora dela. (HAIGHT, 2008, p. 186).

Na obra *Jesus, símbolo de Deus* (2003) Roger Haight dedica um capítulo ao tema “Jesus e as religiões mundiais” (p. 455-486), mas enfatiza que a descrição do relacionamento de Jesus com outras mediações religiosas de Deus é imprescindível para uma cristologia que deseje ser adequada e relevante para a atualidade. Mais do que isso, Haight alerta para o fato de que tal inclusão não pode ser entendida como anexo ou adendo “ao final” de uma cristologia, mas deve integrar o próprio método cristológico, uma vez que a abertura ao pluralismo religioso é uma característica da vida cristã.

Como o estágio de desenvolvimento da teologia das religiões, marcado pela vitalidade de seu crescimento e pela complexidade do debate, ainda não possibilita sínteses satisfatórias, fazendo com que tenhamos que conviver com diferentes visões, métodos e posicionamentos, o autor apresenta, logo de início, uma perspectiva da relação entre pluralismo religioso e a questão cristológica. Ainda que reconheça a fragilidade das tipologias e mesmo a contraprodução delas quando se tornam esquemáticas e simplificadoras, Haight sintetiza as posições em torno da relação de Jesus e a salvação humanas e utiliza as seguintes nomenclaturas para cada modelo: exclusivismo, inclusivismo constitutivo, posição normativa não constitutiva e pluralismo.

O *exclusivismo* sustenta que não existe salvação alguma fora de um explícito contato e fé na pessoa de Jesus Cristo. O *inclusivismo constitutivo* é inclusivo porque defende que a salvação pode ser acessível a todos os seres humanos e é constitutivo porque considera Jesus a causa dessa salvação. A posição *normativa não constitutiva* defende a ideia de que Jesus é a norma ou medida da verdade religiosa e da salvação de Deus para toda a humanidade, ainda que não cause a ação divina salvífica, pois ela se desenrola fora da esfera cristã. O *pluralismo* reconhece a multiplicidade das religiões e seu valor salvífico e defende que outras mediações de salvação estão ou podem estar em “pé de igualdade” com Jesus Cristo.

Haight mostra que os cristãos podem relacionar-se com Jesus como normativo da verdade religiosa no tocante a Deus, ao mundo, à existência humana e à salvação e, ao mesmo tempo, crer que há também outras mediações religiosas que são verdadeiras e, portanto, também normativas. O autor realça o que Paul Knitter já afirmara: Jesus é “verdadeiro”, mas “não o único” portador da salvação. Tal relatividade histórica leva o cristão a definir mais exatamente o conteúdo de sua fé em Jesus.

A normatividade de Jesus não exclui o pluralismo religioso, muito menos sua valorização positiva. Ao contrário, da mesma forma como a teologia cristã necessita interpretar toda a realidade, ela também julgará, em sentido de discernimento responsável, as demais religiões. O próprio Jesus fez isso, como expressam os evangelhos. O argumento remonta, portanto, à tradição judaica da imanência e da transcendência simultâneas de Deus e reafirma a tradição cristã de ver Jesus como o mediador entre o humano e o divino. Deus é sempre maior e o conhecimento dele dá-se em uma dimensão de mistério. Nada nem ninguém têm a posse plena de Deus.

Sustentar que Jesus Cristo é normativo para a concepção cristã da realidade também não inibe o diálogo inter-religioso. Pelo contrário, a vinculação a Deus mediada por Jesus impele ao diálogo, uma vez que a fé cristã assume que nenhuma expressão humana, cultural ou religiosa esgota o mistério de Deus. Neste sentido, portanto, “como as outras religiões são mediações efetivas da graça de Deus [...] os cristãos devem abordá-las com abertura e disposição de espírito para aprender mais acerca dos caminhos de Deus no mundo” (HAIGHT, 2003, p. 483).

## **2 A autêntica identidade é forjada no diálogo**

A perspectiva do pluralismo teológico, em especial o papel de Cristo no processo salvífico e a valorização tanto da singularidade de Jesus como da

universalidade da salvação, traz à tona o tema da identidade cristã. Nossa pressuposição é que a identidade para ser autêntica precisa ser forjada no diálogo.

Para essa reflexão, recorreremos, por diversas razões, à contribuição teológica de Andrés Torres Queiruga, um dos mais destacados pensadores europeus no campo da teologia. Ele tem procurado marcar suas reflexões teológicas por um aspecto de revisão e atualização dos principais temas da fé cristã. Seu pensamento é permeado pela busca incessante do sentido histórico das ideias teológicas e por isso procura fazer um retorno à Tradição para redizê-la com fidelidade, de forma criativa, na liberdade e no diálogo com a cultura, nas categorias do tempo presente. Daí, o uso da expressão “repensar” ou “recuperar” no título de muitas de suas obras.

Em suas reflexões, o autor destaca a universalidade da revelação cristã e a vê como a forma de Deus se manifestar na história concreta da vida humana. No entanto, ele compreende a revelação cristã sempre a partir do encontro com as demais religiões e culturas, além de considerar os aspectos conjunturais do atual contexto mundializado. O diálogo das religiões situa-se, assim, em um espaço comum, exigindo a formulação de novas categorias – como a de pluralismo assimétrico, teocentrismo jesuânico, inreligiosação – e propiciando um novo espírito de acolhida, respeito e colaboração entre as religiões. Para Torres Queiruga,

uma vez reconhecida e afirmada a presença universal da salvação, essa opção se torna mais coerente. A partir dela parece possível chegar a um difícil equilíbrio que deve dar conta de duas frentes: por um lado, manter tanto o respeito ao valor intrínseco de todas as religiões quanto o realismo de reconhecer a independência de seu nascimento e desenvolvimento na história; por outro, e também por realismo histórico e antropológico, não ceder nem ao relativismo do “tudo é igual”, nem ao achatamento do buscar a universalidade no mínimo denominador comum. (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 190).

O pluralismo assimétrico não anula a vocação ecumênica. Ao contrário, a redimensiona, na medida em que “a ‘lógica da gratuidade’ deve substituir a ‘lógica da concorrência’ e, como está escrito, é preciso ‘dar de graça o que de graça foi recebido’” (2007, p. 191). Torres Queiruga, busca um modelo de reflexão teológica ecumênica pautada no diálogo inter-religioso que saiba valorizar a disposição em reconhecer o dom salvífico nas diferentes expressões religiosas, como as visões inclusivistas o fazem, e que também aproveite os espaços autênticos de diálogo, como as visões pluralistas defendem, para se construir identidades.

Torres Queiruga defende a visão de que todas as religiões devem buscar a máxima comunhão possível como ato de resposta humana ao amor universal de Deus. Isso deve se dar isentando-se das concepções de eleição ou privilégio da parte de Deus em relação a qualquer expressão religiosa em particular. Para o autor, é pela partilha da fé e da experiência da vida, naquilo que é compreendido pelos grupos como o que há de melhor, num diálogo repleto de respeito e alteridade, em um complexo mas ao mesmo tempo singelo movimento de dar e receber, que as religiões podem se aproximar do inesgotável mistério de Deus. Na medida em que é acolhido pelas diferentes religiões, Deus passa a ser o único centro e elas deixam de centrar-se em si mesmas, e passam a gravitar em torno dele.

O diálogo não requer a destruição da identidade. Ao contrário, possibilita novas compreensões da identidade própria de cada grupo. A ideia é que a verdadeira e autêntica identidade não se encontra no passado morto, mas adiante, no futuro de Deus. Neste sentido, as identidades são enriquecidas pelo encontro e tornam-se instrumentos de conversão e uma promessa de plenitude da experiência religiosa. É fato que o diálogo requer que cada grupo religioso mantenha sua identidade aberta, predisposta à descobertas e receptiva ao novo e às mudanças. O autor lembra que as experiências de diálogo destroem, sim, as identidades “narcisistas”, fechadas em torno de si mesmas, não condizentes com os próprios fundamentos da fé. Mais que isso, o autor lembra também que mesmo sem um diálogo efetivo com outras religiões, o processo de revisão dos fundamentos da fé

[identidade *semper reformanda*, nas palavras do autor] pode e deve se dar a partir de uma “anterioridade estrutural”, de uma aguda pergunta interna para cada religião sobre a revelação de Deus. Será ela uma possessão própria ou salvação exclusiva ou a revelação de Deus, como indica o autor, manterá sempre viva a gratuidade de sua transcendência e sua intrínseca destinação a toda a humanidade?

Torres Queiruga não ignora as realidades de violência, de disputas religiosas, de etnocentrismos e de desencontros entre as religiões. Todavia, considera que o encontro entre as religiões possa estar vivendo uma fase de florescimento. Os próprios fatores negativos tornam-se elementos constitutivos de uma nova visão, somados ao fato de a humanidade estar se tornando planetária. Tal perspectiva pode suscitar uma nova consciência dialogal. Como o autor se referiu:

[daí] poderão sair potencialidades inéditas que nem sequer estamos em condições de suspeitar e que, em todo caso, não devemos limitar de antemão. De qualquer forma, se a situação não produz a complacência do acordo expresso, mantém, isso sim, por sua vez, a sensação viva do Mistério, a não-monopolização do *Deus sempre maior*. E, com ela, a humildade do contínuo aprendizado, sem renunciar por isso ao oferecimento gratuito, nem à íntima alegria da própria convicção. (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 199).

Em decorrência disso, o autor entende a autocompreensão do cristianismo

como culminação definitiva da revelação de Deus na história. Insistindo, fique claro, no fato de que tal culminação não prive nenhuma religião de sua verdade específica, pois refere-se unicamente às ‘chaves fundamentais’, não à realização concreta, a qual é sempre deficiente por si mesma e em muitos aspectos pode estar, e de fato está, num estágio mais avançado em outras religiões. (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 191).

Em direção similar, Raimon Panikkar realça a importância para a teologia cristã do processo de diálogo e de aproximação com outras religiões. Trata-se dela ser fecundada pelas outras religiões do planeta para alcançar com maior legitimidade aquilo que lhe é característica histórica – a catolicidade –, mas que se perdeu em função dos processos de atrofiamento cultural. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a perspectiva de catolicidade não é monopólio de uma



religião em particular, mas, mesmo em distintas visões e linguagens, está afirmada em várias delas. Para o autor, isso representa um ponto nevrálgico da teologia “que não pode já, por mais tempo, atrofiar-se nas culturas semíticas (monoteístas, históricas, com um Deus Legislador e Juiz) com a concepção de um tempo linear (e, portanto, de uma ‘vida perdurável’)... Precisamos de uma nova cosmologia e de um novo pluralismo” (PANIKKAR, 2008, p. 252). E Panikkar ainda enfatiza para que “não esqueçamos que o fundamento do pluralismo é a experiência da contingência humana”. Nesse sentido, é importante o que o autor nos lembra da tão difícil harmonia entre o universal e o concreto e como tal dificuldade se vê aumentada com a institucionalização das religiões a partir da afirmação de suas identidades por diferenciação.

Exemplar da busca de novos caminhos de identidade religiosa é a obra *Ícones do Mistério: a experiência de Deus* (PANIKKAR, 2007). Nela, o autor insiste na ideia de que não se pode falar de Deus sem um prévio silêncio interior e que reverte, necessariamente, em um novo silêncio. Afirma também que o discurso sobre Deus é existencial, não relativo à Igreja, religião ou crença. Também não é sobre um conceito, mas sobre um símbolo e que Deus não é o único símbolo do divino.

Panikkar, na referida obra, indica lugares privilegiados da experiência de Deus, entendida não como ciência, mas como “o toque que temos com a realidade”: o amor, o “tu”, a alegria, o sofrimento e o mal, o perdão, a natureza e os momentos cruciais da vida. As experiências de Deus, forjadas no mistério que os símbolos, em suas insinuações e imagens, revelam, não são meramente racionais e somente podem surgir de corações puros, vazios e sem egoísmo. Nas palavras do autor:

‘Os de coração puro verão a Deus’ diz uma bem-aventurança. Esta é a experiência de Deus. Meu eu não é o meu ego. O *ahambrahman* vedântico não é o *ahamkāra* egoísta. ‘Quem não se nega a si mesmo...’ Isto é o que vos vem dizer os grandes mestres espirituais de praticamente todas as tradições. Trata-se de uma *agnosia*, *ignorantia*, *unknowing*, *Unwissenheit*, de um ‘não saber toda ciência transcendendo’. Repitamos.

Esta experiência está ao alcance de todo o coração puro. No fundo não faz falta e nem quer sabê-lo. 'Eu te bendigo, Pai, porque o escondeste aos sábios e o revelaste aos pequenos' (PANIKKAR, 2007, p. 248-249).

Em “Teologia da libertação e libertação da teologia”, publicado no quinto volume da série “Os Muitos Caminhos de Deus”, organizada pela Associação de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT), denominado *Por uma Teologia Planetária* (2011), Panikkar apresenta uma interpelação à Teologia Latino-Americana da Libertação com o recurso do jogo de palavras, já há algum tempo consagrado por Juan Luis Segundo, em torno da necessidade de “libertação da teologia”, como o próprio título do texto nos indica.

Nessa perspectiva, realça o tema do colonialismo, mostrando que a vocação da teologia e da fé cristã à um universalismo não pode ser confundida com uma visão monocultural, vista como expoente da cultura humana. O próprio processo de globalização não pode se tornar algo assim, como comumente se vê. A libertação também precisa se dar na visão do mundo e da história, tanto em relação ao pessimismo quanto a visão idealista da história que deseja transformar a terra em paraíso. Na visão do autor, “devemos saber viver em um mundo injusto. Isso não quer dizer, de nenhum modo, evidentemente, que não nos esforcemos por criar um mundo mais justo na medida de nossas forças, mas isso exige de nós que *superemos o mito da história*, como nossa mortalidade nos lembra e nem por isso desanimamos” (PANIKKAR, 2011, p. 174).

Portanto, a aproximação entre fés deve se dar no contexto de abertura em que cada expressão religiosa possuir diante do Mistério. Não se trata de uma mera comunhão de crenças, mas as expressões de fé remontam à entrega pessoal e compromisso radical, que faz com que pessoas e grupos “toquem o infinito”. E mais do que isso:

A expressão de qualquer tentativa humana de se aproximar do Mistério deve ser *confessional*, sincera, pessoal e, portanto, relativa aos parâmetros culturais e religiosos do “confessor”. Uma fé não confessa e apenas teoricamente formulada não é fé, pois também não o é quando se

identifica com uma doutrina. A canção é canção só quando se canta; a fé é fé quando se vive, tema recorrente da Escritura cristã, uma vez que o justo vive da fé (cf. Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10,38, que repete Hc 2,4) (PANIKKAR, 2011, p. 175-176).

Relativizar a própria expressão religiosa, no caso do cristianismo, por exemplo, para se ter uma aproximação com outras, não pode ser razão para se eliminar as suas convicções mais profundas. No caso do labor teológico, ele deve ser visto como “disciplina espiritual que exige consagração plena à tarefa. Quem não tem fome e sede de justiça está impossibilitado para ser teólogo, que é uma livre atividade do Espírito” (PANIKKAR, 2011, p. 177). “A teologia é a vocação de qualquer homem consciente de seu lugar no cosmos e que deseja viver sua humanidade em plenitude, utilizando para isso todos os meios que estão ao seu alcance. Daí, que não possa prescindir de nenhum anelo humano e, desde logo, também dos desejos legítimos do corpo – que tantas vezes foi ignorado por certa espiritualidade” (PANIKKAR, 2011, p. 177-178). Trata-se, então, da libertação da teologia de ser um tipo de especialização científica de classificação e domínio de todos os campos; libertação de uma teologia que se vê como ciência abstrata e puramente descritiva. Ela, não obstante, a sua tarefa racional, deve estar permanentemente aberta aos insondáveis e surpreendentes mistérios divinos. Tal tarefa é comunitária, marcada pela humildade e pelo espírito dialogal.

Prosseguindo na ideia da libertação da teologia, Panikkar indica a importância da interculturalidade, uma vez que o mistério divino não é monopólio de qualquer cultura, entendida como as mais distintas formas de pensar, de ser, de viver no mundo e de se aproximar da realidade misteriosa, nominada por muitos como Deus. A interculturalidade exige a abertura ao *outro*, feita a partir de nossa própria cultura contingente. Trata-se do fundamento da alteridade, que possibilita amar ao próximo como a nós mesmos. Sem a consideração da contingência de nossa própria cultura, isso não seria possível.

### 3 Pluralismo religioso, cristologia e o método teológico

Focalizar a questão cristológica diante do quadro de pluralismo religioso e dentro de uma perspectiva teológica ecumênica suscita, além da necessidade de se construir uma visão cristológica pluralista e de se forjar a identidade cristã a partir do diálogo, requer também uma revisão do método teológico. Trata-se de um ousado e profundo desafio. Muitos teólogos e muitas teólogas têm se dedicado à esse empreendimento. Entre tantas contribuições, desejamos destacar as de Claude Geffré e de Jacques Dupuis, sintetizadas por Daniel Souza em nosso livro *A Teologia das Religiões em Foco* (RIBEIRO & SOUZA, 2012).

Embora a teologia das religiões permeie a produção de Geffré, ela é resultado de um empreendimento anterior em sua produção teológica: a reflexão da teologia como hermenêutica, com uma interpretação criativa e inovadora da fé. Tal visão pode ser sintetizada no título de um dos seus livros editados em português, *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia* (2004). O que norteia a reflexão deste autor são os questionamentos sobre novos rumos para a teologia, capazes de criar novas leituras e concepções da fé cristã. Por isto, o autor procura correlacionar a experiência narrativa de fé presente no Novo Testamento, a releitura dos próprios textos durante a tradição e a experiência histórica contemporânea. A partir desta realidade provocadora, o cristianismo é questionado, indagado, reinterpretado e re-imaginado.

Assim, a teologia para Claude Geffré é um exercício hermenêutico, interpretativo, construído nesta interação triangular: narrativa-tradição-contexto. Diante disto, uma questão volta ao diálogo: qual o significado do pluralismo religioso no plano de Deus? Com esta concepção apresentada, a resposta não será dada a partir de uma “série de enunciados dogmáticos [...], mas é o conjunto dos textos compreendidos no campo hermenêutico aberto pela revelação” (GEFFRÉ, 2004, p.38). Como falar de Jesus? Como pensar a salvação? Como compreender a missão da Igreja? Não há uma resposta dogmática; tais questões exigem mudanças

hermenêuticas.

A partir destas considerações de uma teologia hermenêutica, Geffré estabelece uma teologia das religiões, compreendendo-a não apenas como uma nova área no arcabouço teológico, mas como um “novo paradigma teológico”, um novo modo de fazer teologia. Neste horizonte, o autor permanece nos *interstícios* entre dois paradigmas clássicos na teologia das religiões: entre o inclusivismo e o pluralismo, entre o cristocentrismo e o teocentrismo. Ao re-interpretar a fé, Geffré não abandona concepções como a unicidade de Jesus Cristo, em sua manifestação definitiva e decisiva de Deus; não aproxima-se de uma ideia de complementação e acabamento, no cristianismo, das verdades presentes nas tradições religiosas; e reconhece o “valor intrínseco” das outras religiões, enquanto caminhos misteriosos de salvação. Rompe-se com os dois paradigmas; busca-se um outro. Para alcançar este espaço, Geffré aborda um tema central na teologia das religiões: a cristologia; e assume o *pluralismo de princípio*, que reconhece a realidade do pluralismo religioso como vontade e auto-manifestação de Deus, para que esta Ultimidade revele-se por meio da diversidade de culturas e religiões.

A partir de uma re-interpretação da mensagem cristã diante do pluralismo religioso, as reflexões de Geffré assumem como ~~toma por~~ lugar epistêmico uma região *entre* o pluralismo, que procura uma “revolução Copérnica” na teologia das religiões, ao colocar Deus no centro do sistema religioso; e *entre* o inclusivismo, que permanece com um cristocentrismo ao interpretar as outras tradições religiosas a partir de uma revelação incompleta da Ultimidade, com os seus “cristãos anônimos”, que se completarão, no fim, com o cristianismo. Neste sentido, a pergunta que motiva este autor é: “como não cair num certo relativismo, como conciliar as exigências do diálogo e as exigências da fidelidade à unicidade do cristianismo entre as religiões do mundo?” (GEFFRÉ, 2004, p. 132). Trata-se de uma proposta de construir um paradigma que responda ao horizonte da teologia no século XXI, marcado pelo pluralismo religioso, que não caia nem em uma dimensão relativista, nem uma visão totalitária da fé cristã.

Se falarmos de pluralismo religioso permitido por Deus, isto quer dizer que as outras religiões não são projeções das preparações da única verdade que é a verdade contida na revelação cristã, nem desvios em relação a esta verdade. Elas são simplesmente o estatuto de uma verdade *diferente*; e é esta diferença que é preciso pôr em prática. Deve-se reconhecer que a própria revelação cristã é inadequada em relação à plenitude de verdade que está em Deus, assim como a humanidade de Jesus é inadequada em relação à riqueza do Verbo de Deus. Ela é ainda uma tradução... (GEFFRÉ, 2004, p. 147).

Com este paradigma, Geffré apresenta a concepção de ecumenismo planetário ou interreligioso. Como definição, esta nomenclatura vai além de um ecumenismo confessional, doutrinal, que abarca apenas as distintas tradições cristãs. Ao se referir à ecumenismo, o autor volta-se à dimensão de toda a terra habitada, a casa comum, com suas distintas tradições religiosas e formas de espiritualidade. Ao ser assim, valoriza-se as praticas ecumênicas relacionadas às grandes causas da humanidade, como a busca por uma cultura de paz na experimentação do diálogo interreligioso.

Geffré busca construir três critérios básicos para que o diálogo na *oikoumene* aconteça: i) o respeito do outro em sua identidade própria, ao reconhecer a existência de diferenças entre as religiões, não caindo numa busca incessante por uma convergência religiosa, que pode levar a um *encobrimento* do outro; ii) a fidelidade no que diz respeito à sua própria tradição, pois o discurso é sempre construído a partir de um lugar, um espaço de fé; e iii) a necessidade de uma certa igualdade entre (as)os parceiros(os) no diálogo, em que abre-se à escuta da fé um do outro, descobrindo que “*há um além do diálogo*”: a transformação das(os) interlocutoras(es). Não uma conversão a fé do outro, mas uma re-interpretação, de suas próprias tradições.

Nesta relação que reconhece a existência de verdades diferentes e relacionais, a busca por um ecumenismo planetário necessita – segundo Geffré, a partir de Raimon Panikkar – de um critério de unidade entre as religiões. Segundo o teólogo francês, este critério não é nem Deus nem o *homo religiousus* de uma tradição fenomenológica da religião, mas uma reflexão de um “humano autêntico”.

Por esta consideração, os critérios de uma unidade das religiões mostram-se num *plano ético*, relacionado ao serviço à integralidade humana, em suas causas contemporâneas; e num *plano místico*, a abertura do ser humano a uma “alteridade transformante”, descentrando-se de si mesmo e lançando-se em uma Realidade Última, salto que uma salvação.

Como síntese, Claude Geffré produz uma teologia das religiões a partir do seu projeto de uma “virada hermenêutica da teologia”, reinterpretado a fé cristã a partir do contexto contemporâneo, com a presença e a valorização do pluralismo religioso, com as suas interpelações fundamentais e as suas aberturas de novos horizontes. Para tanto, localiza-se em um espaço ocupado por outros teólogos que desejam a elaboração de outro paradigma para além do pluralismo e do inclusivismo.

Outro enfoque também de caráter metodológico que indica como a perspectiva pluralista desafia o método teológico nós encontramos no teólogo católico belga Jacques Dupuis. Na relação com as experiências religiosas e a cultura indiana, Dupuis constrói a sua produção teológica guiado pela preocupação desafiante da relação de Jesus Cristo com as outras religiões. No movimento missionário de saída de seus limites e identidades fixas, a pergunta “E vocês, quem dizem que eu sou?” torna-se, para o teólogo, fundamental.

Dupuis constrói, assim, uma teologia que caminha entre as posições clássicas da teologia cristã das religiões. Se os modelos são: exclusivista (eclesiocêntrico), inclusivista (cristocêntrico), pluralista (teocêntrico), Dupuis produz na região fronteira: o pluralismo inclusivo (cristocentrismo teocêntrico). Este novo modelo reconhece e acolhe o *pluralismo de princípio*, entendido como realidade e vontade de Deus para que Ele se revele através da diversidade de culturas e religiões; reconhecendo a unicidade de Jesus Cristo como revelação do amor de Deus para com a criação e a humanidade e o “valor intrínseco” das outras religiões, enquanto vias misteriosas de salvação.

Como síntese, a proposta de Dupuis é marcada pela valorização do encontro, pelo compromisso com um Deus que é graça e mistério, pelo embate diante das identidades absolutas e excludentes – eclesiocêntricas demais - e pela busca de uma teologia que esteja sempre a caminho, nunca fechada e estática, mas "*rumo a*", em constante movimento.

Ao adentrar os espaços de reflexão sobre a teologia cristã das religiões, Jacques Dupuis procura produzir teologia no contexto da práxis do diálogo interreligioso, procurando, assim, uma “reflexão teológica *sobre* o diálogo e *no* diálogo” e, a partir do horizonte do pluralismo religioso, elaborar um novo modo de fazer teologia. É o que traduz a sua obra *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso* (1999).

Para isso, Dupuis procura se confrontar com o que é considerado por ele como centro da teologia das religiões: o problema cristológico. Quem é Jesus de Nazaré? O que implica seguir Jesus diante das realidades de pluralismo? A proposta, aqui, é revistar a cristologia e realizar estas questões constantemente.

O diálogo entre as fés contribui assim para a construção do Reino de Deus na história. Como sabemos isso permanece orientado para sua plenitude escatológica no fim dos tempos. É lícito pensar que a convergência entre as tradições religiosas atingirá também ela sua meta na plenitude do Reino de Deus. No *éschaton* haverá lugar para uma “recapitulação” (*anakephaláōsis*: Ef 1,10) escatológica em Cristo das tradições religiosas do mundo, que respeitará e salvaguardará o caráter irredutível impresso em cada tradição pela automanifestação de Deus por intermédio do seu Verbo e do seu Espírito. Tal recapitulação escatológica vai coincidir com a “perfeição” última (*teléōsis*) do Filho de Deus como “causa de salvação eterna” (Hb 5,9), cuja influência permanece sujeita, até essa consumação final, a uma “reserva escatológica”. Realizado o Reino de Deus, chegará o fim, “quando Cristo entregará o Reino a Deus Pai (...) e quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,24-28) (DUPUIS, 1999, p. 530-531)

Este caminho adotado procura assumir o cristocêntrico não anulando, porém, o horizonte teocêntrico: “mediante o filho, somos reconduzidos ao Deus que é Pai. O cristocentrismo pede o teocentrismo”. Esta reflexão cristológica, sem



permanecer fincada no inclusivismo ou no pluralismo, é a articulação fronteiriça construída por Dupuis em sua teologia, um cristocentrismo teocêntrico.

Neste sentido, Dupuis propõe uma reflexão cristológica que pode ser apresentada em três eixos principais: i) uma cristologia integral; ii) uma cristologia trinitária e pneumática; e iii) uma cristologia reinocêntrica. Para iniciar, a busca por uma reflexão integral da cristologia implica em assumir como ponto de partida a vida de Jesus de Nazaré, em seu seguimento e em sua prática. A partir deste lugar, busca-se a sua totalidade: Jesus é o Cristo, articulando dados complementares aparentemente contraditórios do mistério de Jesus Cristo, conjugando as visões “de cima” (a partir do Filho de Deus) com as “de baixo” (a partir de Jesus de Nazaré). Ainda, afirma-se a fé na unicidade de Jesus e a sua universalidade, mas é reconhecido que Jesus não pode ser absolutizado. Nenhuma dimensão concreta assume o lugar da Ultimidade e nenhuma contingência histórica limita a ação do Absoluto. Deus é maior que Jesus.

Uma cristologia trinitária e pneumática procura repensar o mistério cristológico a partir das relações intratrinitárias, numa concepção do “*Filho-de-Deus-feito-homem-na-história*”. Por esta razão, Dupuis acredita que não se pode permitir que a centralidade histórica do evento-Cristo encubra a estrutura trinitária da economia divina. Jesus Cristo não substitui o *Abba*. Não é o fim ou meta, mas caminho, travessia. O Pai é a realidade última que se lança em salvação e para onde trilha a vida de Jesus. Assim também é compreendida a relação com o Espírito, *ruah*, que se movimenta e se mostra como guia permanecendo quer antes quer depois do evento histórico de Jesus Cristo. Mas também a presença do Logos não encarnado que persiste também depois da encarnação (Jo 1. 14), não se limitando a ela. Assim, se Jesus é imagem de Deus para o mundo, outras “vias de salvação”, remete-se ao salvador, que é o próprio Deus, também podem ser iluminadas pelo Verbo de Deus e podem receber o vento do Espírito, que imerge numa presença de amor.

Por fim, uma cristologia reinocêntrica compreende que a mensagem central de Jesus de Nazaré não foi ele mesmo, mas o reinado de Deus, que coloca o Abba no centro da ação de Jesus. Ao ser assim, as fronteiras são alargadas, as concepções são transformadas sobre a centralidade da vida cristã. Fala-se, agora, em universalidade do reino e da ação de Deus. Por ser desta maneira, participantes de experiências religiosas distintas podem seguir a vocação por meio de suas tradições religiosas e responderem ao convite de Deus em seu mistério e se tornarem membros ativos do reinado do Abba.

### **Considerações finais**

Nosso esforço nas reflexões feitas foi o de apresentar uma perspectiva plural na relação interreligiosa. Defendemos a visão de que cada expressão religiosa tem a sua proposta salvífica e de fé que devem ser aceitas, respeitadas, valorizadas e aprimoradas a partir de um diálogo e aproximação mútuas.

Tal perspectiva não anula nem diminui o valor das identidades religiosas - no caso da fé cristã, a importância de Cristo -, mas leva-as a um aprofundamento e amadurecimento, movidos pelo diálogo e pela confrontação justa, amável e co-responsável. Assim, a fé cristã, por exemplo, seria reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. O mesmo deve se dar com toda e qualquer tradição religiosa. Consideramos que tal visão, em certo sentido, supera outros modelos como aquele que considera Jesus Cristo e a Igreja como caminho exclusivo de salvação; o que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para todos, ainda que implicitamente, o que se denominou inclusivismo; e a perspectiva relativista na qual Jesus é o caminho para os cristãos, enquanto para os outros o caminho é a sua própria tradição, sem maiores esforços de autocríticas, revisões e mútua interpelação.

Como vimos, na visão pluralista, os elementos chaves da vivência religiosa e humana em geral são alteridade, respeito à diferença e o diálogo e cooperação prática e ética em torno da busca da justiça em relação aos grupos empobrecidos e subjugados pelas mais diferentes formas de dominação e pela busca do bem-comum. A aproximação e o diálogo entre grupos de distintas expressões religiosas cooperam para que elas possam construir ou reconstruir suas identidades e princípios fundantes. Daí, a nossa ênfase no diálogo como condição imprescindível para se construir uma identidade autêntica. No caso da fé cristã, por exemplo, cabe elucidar perguntas cruciais, dentro do contexto de diálogo entre as religiões, que giram em torno do sentido e do significado de Cristo para ela mesma e como o mistério cristológico, com suas consequentes implicações éticas no mundo, pode ser vivenciado e melhor compreendido. O mesmo diríamos, de forma similar, para as demais perspectivas e expressões religiosas, que a partir do diálogo reconstruiriam permanentemente suas contribuições para o mundo, dentro dos critérios da justiça, da paz e da integridade da criação.

## REFERÊNCIAS

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia**. São Paulo: Vozes, 2004.

HAIGHT, Roger. **Jesus, símbolo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.

HAIGHT, Roger. **A dinâmica da teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

HAIGHT, Roger. **O futuro da cristologia**. São Paulo: Paulinas, 2008.

HICK, John. **Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões**. Juiz de Fora: PPCIR, 2005.

HICK, John. **A metáfora do Deus encarnado**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KNITTER, Paul. **Introdução às teologias das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008.

KNITTER, Paul. **Jesus e os outros nomes: missão cristã e responsabilidade global**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

KNITTER, Paul. **No other name? a critical survey of christian attitudes toward the world religions**. New York: Orbis Books, 1985.

KNITTER, Paul. **One earth many religions: multifait dialoge and global responsibility**. New York: Orbis Books, 1995.

KNITTER, Paul; HICK, John Hick (Org.). **The myth of christian uniqueness**. New York: Orbis Books, 1987.

PANIKKAR, Raimon. **Ícones do mistério: a experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PANIKKAR, Raimon. A interpelação do pluralismo religioso: teologia católica do terceiro milênio. In: BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria; TOMITA, Luiza E. (Org.). **Teologia pluralista libertadora intercontinental**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 235-252.

PANIKKAR, Raimon. Teologia da libertação e libertação da teologia. In: VIGIL, José Maria (Org.). **Por uma teologia planetária**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 173-180.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos. **A teologia das religiões em foco**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. **Autocompreensão cristã: diálogo das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2007.